Anagramas Revista beta

Formação do Léxico da Língua Portuguesa: uma análise dos arcaísmos presentes na crônica *Antigamente* de Carlos Drummond de Andrade

Cecília Souza Santos Sobrinha[1]

Nivana Ferreira da Silva[2]

Resumo

Este artigo propõe um estudo sobre as expressões idiomáticas, os substantivos e os adjetivos presentes na primeira parte da crônica *Antigamente* de Carlos Drummond de Andrade e que, na contemporaneidade, podem ser considerados arcaicos. Nesse sentido, serão analisados, sob forma de glossário, os arcaísmos presentes no texto do escritor modernista, com a finalidade de evidenciar que o léxico está em constante renovação.

Palauras-chaue: *Língua Portuguesa; Léxico; Arcaísmos.*

Introdução

No curso histórico da Língua Portuguesa, muitos vocábulos surgiram, assim como muitas palavras pertencentes ao nosso léxico deixaram de ser usadas. Essa renovação lexical resulta do caráter vivo e dinâmico de todas as línguas, que se transformam, acompanhando as modificações das sociedades.

No decorrer do tempo, muitas palavras adquiriram novos significados por serem substituídas por outros vocábulos de sentido semelhante, ou até mesmo, deixaram de ser usadas, uma vez que foram consideradas ultrapassadas ou arcaicas pela nova geração. Apesar dos arcaísmos não serem utilizados com frequência na língua corrente, sobretudo

[1] Discente do curso de Letras Espanhol/Português pela Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC. E-mail: ceciliasobrinha@hotmail.com.br

[2] Discente do curso de Letras Inglês/Português pela Universidade Estadual de Santa Cruz/UESC. E-mail: nivanafs2@gmail.com

pelos jovens, é possível perceber a sua presença na fala de pessoas idosas, como também em textos de obras escritas em outras épocas e que são lidas até hoje.

A crônica *Antigamente*, do escritor modernista brasileiro Carlos Drummond de Andrade, publicada na obra "Quadrante" (1962), é composta por várias palavras que eram utilizadas pelos falantes daquele momento. Dessa maneira, a análise da primeira parte do texto permite identificar arcaísmos que refletem uma determinada época, assim como torna possível evidenciar e observar os vocábulos correspondentes da atualidade.

1. O Léxico Português

O léxico português tem origem na Língua Latina. Conforme Câmara Junior (1979), o latim se apresentava como uma língua flexional, não só no verbo, como também no nome. Contudo, o nome passou por um processo de simplificação e remodelação. Nesse sentido, o autor afirma que nos usos vulgares, a língua latina passou por um processo de deflexionalização nominal, bem como por uma remodelação morfológica dos nomes e dos padrões sintáticos. Com isso, o acusativo, caso latino que originou o léxico, permitiu variações livres e estilísticas nas frases, cuja fixação se esboçou relativamente cedo no latim vulgar, tendo contribuído, sobremaneira, para a origem do léxico português, tanto que é chamado pelos gramáticos históricos de caso lexogênico. Porém, é importante mencionar que poucas palavras tiveram origem em outros casos como nominativo, dativo e ablativo.

De acordo com Câmara Junior (1979, p. 12), "o léxico da Língua Portuguesa, como de várias outras do mundo moderno ocidental, pertence ao grupo das línguas ditas 'românicas', ou 'neolatinas', que têm o seu ponto de partida no latim". Para o autor, a constituição do léxico da Língua Portuguesa foi resultado da evolução da Língua Latina, implantada na vasta região da Europa em decorrência de conquistas militares e do consequente domínio cultural e político de Roma, a partir do século III a.C.

Coutinho (1954) assinala que, a língua portuguesa, instrumento vivo de comunicação de um povo, não poderia restringir-se apenas ao vocabulário que lhe fora transmitido pelo latim, já que a língua sente a necessidade de evoluir com o tempo, acompanhando o progresso que foi desenhado pela sociedade. Dessa maneira, Basílio (2006, p.9) afirma que, "o léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção de

enunciados". Assim, as estruturas linguísticas e os processos que formam os vocábulos de uma determinada língua são responsáveis pela formação de novas unidades no léxico, bem como a aquisição de palavras novas por parte de cada falante.

Logo, as gerações mais velhas resistem em manter as formas de expressão de prestígio de décadas atrás e as novas gerações procuram novidades, afastando-se dos padrões que regem as anteriores, considerando-os ultrapassados. Sobre essa questão, Serafim (1970) pontua que os jovens se encontram em presença de dois comportamentos: o de um mundo que ruiu e o de um mundo que nasce, escolhendo este último, o qual só irá se diluir na geração seguinte, a partir da existência de novas palavras que irão substituir as consideradas velhas.

Desse modo, o estudo do léxico é fundamental para se obter o conhecimento das características e propriedades de cada palavra no presente e no passado, uma vez que a formação do léxico da Língua Portuguesa foi influenciada pela derivação latina, a criação ou formação vernácula e a importação estrangeira. Afirma Nunes (1996) que, a história da formação do léxico não corresponde a um processo linear, mas decorre de vários estados da produção do saber linguístico e das transformações que os vocábulos sofreram ao longo dos processos históricos.

Nessa ótica, Coutinho (1954, p. 177) diz que, "não demorou muito para que o português firmasse a sua tradição literária, com o aparecimento da disciplina gramatical, enriquecido desde já, graças ao manancial inesgotável e às novas criações vernáculas, lhe servindo ainda o latim de mestre".

2. Os arcaísmos da Língua Portuguesa

O termo arcaísmo vem do grego *arkhaismós* [3] e significa construção que não é mais usada. Assim, palavras arcaicas são aquelas que caíram em desuso, isto é, "não são mais correntes em determinada fase da língua", conforme afirmam Cardoso e Cunha (1985, p. 193).

Nesse sentido, é importante salientar que os vocábulos não desapareceram de um momento para o outro. Há um período em que a palavra nova e a velha coexistem, até que

[3] Informação disponível no sítio <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=arca%C3%ADsmo>. Acesso em 30 de Novembro de 2011.

a forma antiga desapareça por completo e a moderna se fixe no uso da língua corrente. Sobre esse aspecto, Darmesteter apud Coutinho ratifica:

> Uma geração de homens, num dado momento, começa a abandonar tal palavra, representando por outra a ideia que ela designa; a geração seguinte conhecê-la-á ainda menos, e virá um instante em que ela só será conhecida dos velhos que, dentro em pouco, a levarão consigo para o túmulo. (DARMESTETER s/d, apud COUTINHO 1954, p. 217).

Coutinho (1954) também destaca que a *arcaização* das palavras pode ocorrer em decorrência de fatores internos (arcaísmos intrínsecos) ou fatores externos (arcaísmos extrínsecos) à língua. Assim, as causas internas são atinentes ao próprio sistema linguístico e resultam em arcaísmos fonéticos, gráficos, semânticos, flexionais e sintáticos, enquanto que as causas externas, como a mudança dos tempos e dos costumes, levam alguns elementos lexicais ao desuso.

Com relação aos arcaísmos fonéticos, observa-se, de acordo com Cardoso e Cunha (1985), a transformação fônica na palavra, como no caso da velha forma verbal *poer* que se tornou a atual *pôr*, ou seja, nesse caso, há o fenômeno do metaplasmo. Já a ocorrência dos arcaísmos gráficos é consequência da mudança de um sistema ortográfico para outro: *philosophia* tornou-se *filosofia*.

Para os autores, o arcaísmo semântico é caracterizado por expressões e palavras que, em uma época do passado, eram empregados com um sentido que se modificou em outro período de tempo, diferentemente do grupo dos arcaísmos flexionais, o qual é composto por palavras que, antes, pertenciam a um gênero, número ou pessoa que não corresponde ao atual, como, por exemplo, *mar* e *fantasma*, pertencentes, em épocas precedentes, ao gênero feminino. Os arcaísmos sintáticos, por sua vez, são aqueles relacionados à regência, concordância ou colocação nas orações, ou seja, com as estruturas e construções frasais.

Ainda há os arcaísmos lexicais, únicos resultantes de fatores extrínsecos à língua, os quais estão ligados à substituição de vocábulos por sinônimos e ao desaparecimento de objetos, instituições e costumes, o que leva ao desuso das palavras que os caracterizavam. Vocábulos como *golpelha* (raposa), *evezamento* (desordem) e *adur* (por acaso) ilustram esse grupo.

Além disso, vale pontuar acerca da possibilidade da existência de reversão ou ressurreição de arcaísmos à linguagem em uso. Isso ocorre quando uma palavra, em

determinada época, cai em desuso e, posteriormente, volta a fazer parte da língua corrente, deixando, assim, de ser um arcaísmo. Sobre esse aspecto, Ismael Coutinho salienta:

> Opera-se esta ressureição por meio do povo que frequentemente conserva na memória vozes ou torneios, banidos da linguagem acadêmica; ou por intermédio dos literatos, que, atreitos a compulsar os velhos códigos, inadvertidamente, os põem de novo em movimento. Pela ressurreição se explica como termos considerados arcaicos, em épocas precedentes, são hoje vulgares e prestadios. (1954, p. 218-219).

Desse modo, algumas palavras podem não desaparecer completamente, pois, muitas vezes, suas formas derivadas continuam a fazer parte da língua. Consoante ao que Cardoso e Cunha (1985) defendem, um vocábulo é classificado como arcaico a partir da sua relação com o uso da língua em certo momento da história, ou seja, uma determinada palavra não usada em uma época pode, em um momento posterior, ser reversível à língua.

3. Análise de *Antigamente* de Carlos Drummond de Andrade

O escritor do modernismo brasileiro Carlos Drummond de Andrade, em sua crônica *Antigamente*, datada de 1962, retrata os hábitos e os costumes presentes no cotidiano de pessoas que apresentam o modelo de linguagem típico da sociedade da década de 1900, como afirma Telles (1974) em *Seleta em prosa e verso*. Para a construção da narrativa e para enfatizar que está se falando do passado, o autor utiliza palavras arcaicas, ou seja, vocábulos que faziam parte do léxico da Língua Portuguesa nesse período, mas, posteriormente, deixaram de ser usadas.

Segundo Telles (1974, p. 7) a palavra *Antigamente* remete a um tempo psicológico, em que as reminiscências expostas por Drummond se juntam a impressões de leitura para criar um tempo remoto. Dessa maneira, em seu processo criador, a língua se movimenta, o que Telles (1974) denomina de coordenadas geográficas e temporais, lançando o passado (arcaísmos) em face do futuro (neologismos).

As expressões idiomáticas, os substantivos e os adjetivos, que aparecem dispostos no texto drummondiano, caracterizam certa geração precedente e estão intimamente ligados ao seu modo de vida, sua cultura e o momento histórico em que esse grupo de pessoas está inserido. Assim, o autor faz uso dos arcaísmos para conferir ao texto uma atmosfera do passado.

Drummond utiliza as palavras em desuso para construir um cenário que corresponde a tempos antigos, conforme traz no próprio título da crônica: *Antigamente*. Sobre o uso de termos lexicais arcaicos em textos, Coutinho (1954, p. 217) destaca que "A finalidade de quem escreve para o público é ser compreendido, mas arrisca-se a não atingir esse objetivo quem emprega, a todo instante, palavras ou expressões que já estão fora de moda". No caso da referida crônica, o escritor modernista foi perfeitamente entendido, pois sua intenção era, de fato, criar uma atmosfera que remetesse ao passado.

3.1. Expressões idiomáticas arcaicas

As expressões idiomáticas encontradas em *Antigamente* são arcaísmos lexicais que caíram em desuso no decorrer dos anos, pois foram substituídas por sinônimos com formação diferente. As seguintes palavras ilustram a ocorrência de algumas dessas expressões:

Arrastar a asa - flertar;	*Ficar perrengue*- situação de dificuldade;
Amarrar o cachorro com a lingüiça – usado quando se deseja insinuar que alguém não está tomando os cuidados necessários para realizar alguma coisa;	*Ficar a ver navios* - ser enganado;
Apanhar constipação - resfriado;	*Levar tábua* - apanhar;
Boca na botija - quando uma pessoa é pego em flagrante executando uma ação;	*Meter-se em camisa de onze varas* ou *meter-se em calças pardas* - estar em grandes apertos e aflições;
Cair de cavalo magro - se dar mal;	*Meter a mão em cambuca* - simboliza uma situação perigosa ou difícil de lidar;
Completar primaveras - fazer aniversário;	*Passar a manta e azular* - acovardar-se;
Cuspir dentro da escarradeira - refere-se a	*Perder tramontana* - desorientar-se;

uma determinada pessoa que sabe se comportar diante da sociedade nobre;	
Dar à de vila-diogo - expressão utilizada em espanhol, refere-se a pessoa que se faz de desinteressado;	*Pregar em outra freguesia* - ir encher em outro lugar;
Dar com os burros n'água - refere-se a algo que não dar certo;	*Pão que o diabo amassou* - refere-se a uma situação difícil;
Embarcar em canoa furada - refere-se a algo que não dar certo;	*Tirar o cavalo da chuva* - se sair da situação;
Fazer o quilo - descansar depois do almoço;	*Tirar o pai da forca* - ter pressa;
Ficar debaixo do balaio - esconder- se;	*Ver Apear* - descer;

Com o passar dos anos, surgiram expressões para substituir algumas das palavras mostradas anteriormente:

Forma arcaica	**Substituído por**
Arrastar a asa	Queixar
Cair de cavalo magro	Quebrar a cara
Completar primaveras	Fazer niver
Dar com os burros n'água	Se dar mal
Ficar perrengue	Ficar duro
Ficar debaixo do balaio	Ficar na encolha
Meter-se em camisa de onze varas	Ir para o xilindró
Perder a Tramontana	Perder o rumo

4.2 Substantivos e adjetivos arcaicos

Os substantivos e os adjetivos seguintes, também encontrados na crônica *Antigamente* de Carlos Drummond de Andrade, são arcaísmos que foram substituídos por outros vocábulos sinônimos com formação diferente, assim como as expressões idiomáticas.

Aeroplano - aparelho aerostático movido a vapor, e sustentado sobre planos ou lâminas postas em ação por um motor de força de um cavallo;	*De pouco siso* – sem bom senso;
Altéia - caramelo de goma;	*Donzela* - moça virgem;
Animatógrafo - hibridismo há muito tempo em desuso, substituído por cinematógrafo, por sua vez substituído por suas formas abreviadas cinema, cine;	*Entrementes* - refere-se a meio-tempo;
Artioso - menino danado;	*Faceiro* - feliz;
Asthma - doença inflamatória crônica das vias aéreas;	*Gálico* - antigo nome da sífilis;
Botica - estabelecimento onde se preparam ou se vendem medicamentos;	*Janota* - rapaz muito elegante;
Cabrito – menino pequeno;	*Mademoiselle* - Mulher de boa educação e conduta;
Capa de goma – sobretudo;	*Melindre* - recato;
Carmim – maquiagem;	*Mimosa* - bonita;
Carniceiro - açougueiro;	*Pé de alferes* - elogio;

Casimira – tecido de roupa elegante;	*Phtysica* – tuberculose avançada;
Ceca e Meca – referente a andar por toda parte;	*Prendada* - mulher dotada de aptidões domésticas;
Ceroulas - roupa de baixo masculina em fôrma de calças, que se estende até o tornozelo;	*Rapagões* - rapazes elegantes;
Cometa - mensageiro;	*Roscofe* - relógio velho;
Cromo - pessoa desajeitada;	*Tetéia* - pessoa ou coisa muito graciosa;

Alguns dos substantivos e adjetivos acima assumiram uma nova forma:

Forma arcaica	**Substituído por**
Aeroplano	Avião
Altéia	Bala
Botica	Farmácia
Carmim	Maquiagem
Cometa	Carteiro
Mimosa	Gata

Considerações Finais

As reflexões sobre o léxico da Língua Portuguesa, em consonância com o estudo dos arcaísmos presentes na primeira parte da crônica *Antigamente*, de Carlos Drummond de Andrade, permitiu evidenciar as modificações sofridas pela língua as quais, de certo modo,

refletem as transformações operacionalizadas nas sociedades. Sendo assim, essas modificações são responsáveis pelo desaparecimento e surgimento de muitos vocábulos.

Na referida crônica drummondiana, o escritor modernista demonstra, por meio de expressões idiomáticas, substantivos e adjetivos, que a língua se movimenta com o passar dos anos. Dessa forma, é possível perceber que os vocábulos utilizados em determinada época e não mais utilizados atualmente, refletem a tradição e os costumes de uma geração precedente.

Assim, a análise comparativa dos vocábulos presentes no texto e das palavras que os substituíram nos dias atuais comprova que as modificações no léxico são essenciais para a transição da ordem antiga à nova. Além disso, observa-se, ou melhor, reafirma-se que a língua é viva e representa um reflexo da sociedade, sendo sua dinamicidade consequência das sucessivas transformações ocorridas em sua estrutura lexical.

Referências Bibliográficas

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Editora Contexto,2006.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da Língua Portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CARDOSO, Wilton e CUNHA, Celso. **Estilística e gramática histórica:** português através de textos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica.** 3. ed. Rio de Janeiro: Revista e aumentada , 1954.

Dicionário Aurélio Online. Disponível em: www.dicionarioaurelio.com/arcaismos. Acessado em 25 nov 2011.

Dicionário de Gírias. Disponível em: <http://www.dicionariodegirias.com.br/giria.do?gíria=268>. Acessado em: 25 nov. 2011.

Dicionário Informal. Disponível em < http: // www.dicionarioinformal.com.br>. Acessado em 25 nov. 2011.

NUNES, José Horta. **Formação do Léxico e Saber Linguístico.** Centro de Formação Continuada de Professores: São Paulo UNICAMP, 1996. Disponível em: < http: // www.iel.unicamp.br/> Acessado em: 23 nov. 2011.

Recanto das Letras. Disponível em < http://wwW.recantodasletras.com.br> .Acessado em: 25 nov. 2011.

SILVA NETO, Serafim da. **Historia da língua portuguesa**. 2. Ed. aum. Rio de Janeiro: Padrão, 1970.

TELLES**,** Gilberto Mendonça**. Seleta em prosa e verso de Carlos Drummond de Andrade.** 3. ed. Rio de Janeiro : Editora José Olympio, 1974.

Tira Teimas. Disponível em: < http://aldacris.wordpress.com/2007/03/13/tirar-o-pai-da-> Acessado em: 25 nov. 2010.

Anexo A

ANTIGAMENTE, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passasse a manta e azulava, dando às de vila-diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de altéia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

HAVIA OS QUE tomaram chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: "Farei presente." Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", ao que o Reverendíssimo correspondia: "Para sempre seja louvado." E os eruditos, se alguém espirrava — sinal de defluxo — eram impelidos a exortar: "*Dominus tecum*". Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso metiam a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram mesmo encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas tetéias.

ANTIGAMENTE, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim por tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro com

lingüiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carniceiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um cabrito, não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, trazia novidades de baixo, ou seja, da Corte do Rio de Janeiro. Ele vinha dar dois dedos de prosa e deixar de presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais do que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

ACONTECIA o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthma os gatos, os homens portavam ceroulas, botinas e capa-de-goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas retratistas, e os cristãos não morriam: descansavam.

MAS TUDO ISSO era antigamente, isto é, outrora.

ANTIGAMENTE, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais, e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugir nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro*smart* calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo-d'água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de treteiro de topete: depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco. O diacho eram os filhos da Candinha: quem somava a candongas acabava na rua da amargura, lá encontrando, encafifada, muita gente na embira, que não tinha nem para matar o bicho; por exemplo, o mão-de-defunto.

BOM ERA TER as costas quentes, dar as cartas com a faca e o queijo na mão; melhor ainda, ter uma caixinha de pós de perlimpimpim, pois isso evitava de levar a lata, ficar na pindaíba ou espichar a canela antes que Deus fosse servido. Qualquer um acabava enjerizado se lhe chegavam a urtiga no nariz, ou se o faziam de gato-sapato. Mas que regalo, receber de graça, no dia-de-reis, um capado! Ganhar vidro de cheiro marca barbante, isso não: a mocinha dava o cavaco. Às vezes, sem tirte nem guarte, aparecia o doutor pomada, todo cheio de nove horas; ia-se ver, debaixo de tanta farofa era um doutor da mula ruça, um pé-rapado, que espiga! E a moçoila, que começava a nutrir xodó por ele, que estava mesmo de rabicho, caía das nuvens. Quem queria lá fazer papel pança? Daí se perder as estribeiras por uma tutaméia, um alcaide que o caixeiro nos impingia, dando de pinga um cascão de goiabada.

EM COMPENSAÇÃO, viver não era sangria desatada, e até o Chico vir de baixo vosmecê podia provar uma abrideira que era o suco, ficando na chuva mesmo com bom tempo. Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do degas! Macacos me mordam se estou pregando peta. E os tipos que havia: o pau-para-toda-obra, o vira-casaca (este cuspia no prato em que comera), o testa-de-ferro, o sabe-com-quem-está falando, o sangue-de-barata, o Dr. Fiado que morreu ontem, o zé-povinho, o biltre, o peralvilho, o salta-pocinhas, o alferes, a polaca, o passador de nota falsa, o mequetrefe, o safardana, o maria-vai-com-as-outras... Depois de mil peripécias, assim ou assado, todo mundo acabava mesmo batendo com o rabo na cerca, ou, simplesmente, a bota, sem saber como descalçá-la.

MAS ATÉ AÍ morreu Neves, e não foi no Dia de São Nunca de Tarde: foi vítima de pertinaz enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer botou fumo no chapéu?